**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**

**EMILENE SELHORST ROCHA**

**CONSTRUINDO IDENTIDADES: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAL NA OBRA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, DE ANA MARIA MACHADO**

**PONTA GROSSA**

**2014**

**EMILENE SELHORST ROCHA**

**CONSTRUINDO IDENTIDADES: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAL NA OBRA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, DE ANA MARIA MACHADO**

Artigo apresentado como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Português/Espanhol - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Profa. Ma. Paraguassu de Fátima Rocha.

**PONTA GROSSA**

**2014**

Dedico este trabalho ao meu esposo Marcio, porto seguro e companheiro em todas as horas, e aos meus filhos amados Otávio e Miguel, fontes de amor e de inspiração.

**AGRADECIMENTOS**

À Deus, pelo dom supremo da vida e fonte inesgotável de amor, por me sustentar e me fortalecer em todos os momentos, me refazendo espiritualmente quando me sentia frágil e angustiada.

À minha mãe, por seu amor incondicional e pela suas orações para que eu conseguisse concluir esta caminhada.

Ao meu esposo e filhos amados, pela paciência nas horas de ansiedade e inquietação e pela compreensão nas constantes ausências durante os quatro anos de curso.

À toda a minha família, irmãos, cunhados(as), sobrinhos(as), pela colaboração, pelas palavras de incentivo e de carinho e por entenderem os sucessivos isolamentos.

À querida amiga Sara, companheira de curso, presença constante, presencial ou virtualmente, pelo carinho e apoio fundamentais nesta trajetória, exemplo de mulher e profissional.

À querida Professora Thatiane, por sua atenção, auxílio e incentivo em todas as etapas, sua presença amiga e carinhosa foi um bálsamo durante os momentos de angústia e incerteza.

À Professora Orientadora Paraguassu, pela paciência, compreensão e incentivo.

À todos os amigos, colegas de trabalho e da faculdade, que direta ou indiretamente fizeram parte desta caminhada, seja com uma palavra de estímulo ou com um abraço caloroso.

Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.

(*Antoine de Saint-Exupéry*)

**CONSTRUINDO IDENTIDADES: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAL NA OBRA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, DE ANA MARIA MACHADO**

Emilene Selhorst Rocha[[1]](#footnote-2)

**Resumo:** Este trabalho consiste em um estudo acerca da obra *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado. O intuito é analisar como a identidade étnico-racial, bem como a desconstrução dos estereótipos negativos com relação aos negros são estabelecidos na narrativa. Sob o preceito de que a literatura é uma arte social e um espaço profícuo para questionamentos, pois demarca o espaço de cada um dentro da sociedade, esta análise traz à tona a discussão sobre o porquê de cada pessoa ser de uma determinada cor, partindo da ideia de herança racial e de miscigenação. Nessa perspectiva, objetivou-se demonstrar como a leitura de obras como esta pode interferir positivamente na construção da identidade das crianças, e no caso das negras, a aceitação de sua herança africana de maneira natural. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em artigos e livros de diversos autores acerca da trajetória histórica da literatura brasileira e de como os negros vêm sendo historicamente representados neste segmento.

**Palavras-chave**: Identidade racial. Estereótipos. Literatura infanto-juvenil.

# 1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista a pluralidade étnica e racial que compõe a população brasileira, parece inaceitável a existência do racismo. Porém, o mito da democracia racial e do racismo cordial são responsáveis por manter a invisibilidade deste problema, mascarando a sua existência, de acordo com Inayá Silva (2009). Ou seja, o racismo vigente na sociedade brasileira é peculiar se comparado a outros países como os Estados Unidos ou a África do Sul, por exemplo. Segundo Gomes (2001, p. 92):

O racismo no Brasil é um caso complexo e singular, pois ele se afirma por meio da sua própria negação. Ele é negado de forma veemente, mas mantém-se presente no sistema de valores que regem o comportamento da nossa sociedade.

Além disso, constitui um tema muito complexo, já que é fruto de construções históricas e sociais, surgidas em um determinado período e contexto social. No entanto, uma forma possível e eficaz de se combater esse tipo de prática é iniciar a discussão acerca dessa diversidade já na infância, onde começam a se formar os primeiros valores humanos e éticos, e é aí também que se pode combater qualquer manifestação racista e discriminatória. Nesse sentido, a escola torna-se um ambiente propício para isso, pois de acordo com Cavalleiro (2001, p. 142), “A educação formal tem grande relevância para a formação de cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos civis, políticos e sociais”. Dentro desse contexto, é pertinente também a contribuição de Silva, I. (2009, p.16):

Sabemos que a formação do cidadão não é tarefa apenas da escola. Mas, por se constituir em local privilegiado de trabalho com o conhecimento, resulta para ela a responsabilidade de dar àqueles que a frequentam, possibilidade de aí construírem os saberes indispensáveis para a realização dos seus anseios de inserção social. A vida escolar deve oferecer condições de o indivíduo exercer diferentes papéis, em diferentes grupos, para facilitar sua integração num contexto mais amplo da sociedade, diferente da família e dela própria, por exemplo.

Assim, no âmbito escolar, o ensino das relações étnico-raciais tem por objetivo divulgar e produzir conhecimentos, atitudes, posturas e valores que enfatizem esta pluralidade, capacitando a criança para interagir no sentido de respeitar as diferenças e valorizar as identidades.

Ao se falar em diferenças e identidades, é inevitável pensar na população negra brasileira e na sua trajetória, que como se sabe, é marcada pela luta contra o preconceito, a discriminação e o racismo. No campo literário o cenário não seria diferente, na grande maioria das obras literárias destinadas tanto ao público adulto quanto ao público infanto-juvenil a imagem do negro, em muitos casos é silenciada, e quando aparece em ilustrações, geralmente é de forma depreciativa e até caricaturizada. No âmbito da narrativa, aparecem em minoria, desempenhando funções marginais, ou ainda funções sociais consideradas inferiores. É consenso que a literatura infantil desempenha um papel relevante na educação inicial, pois é através dela que a criança desperta o imaginário e aprende com o contato oral das histórias infantis a descobrir/compreender o mundo. Conforme Cavalleiro (2001):

Um olhar superficial sobre o cotidiano escolar dá margem à compreensão de uma relação harmoniosa entre adultos e crianças; negros, brancos. Entretanto, esse aspecto positivo torna-se contraditório à medida que não são encontrados no espaço de convivência das crianças cartazes, fotos ou livros infantis que expressem a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira. (p.145)

O que se percebe, portanto, é que a literatura infantil que os alunos leem nas escolas com maior frequência raramente mostra famílias negras felizes e bem-sucedidas, personagens negras bem vestidas, raramente há príncipes, reis e rainhas de cor negra, assim como também não é comum ver um negro na capa de um livro, ou sendo o personagem principal. Do ponto de vista educativo, esse processo pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Suely Dulce de Castilho (2004, p. 07), por exemplo, considera que “Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua “raça”; por outro lado, pode subestimar, estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra”.

É notório que a literatura infantil contemporânea já apresenta uma imagem positiva do negro. Contudo, “as marcas de séculos de inferiorização não podem ser apagadas em algumas décadas. Os estereótipos desfavoráveis e as imagens depreciativas ainda aparecem na literatura infantil porque o racismo ainda ronda a sociedade brasileira”. (FRANÇA, 2008. p. 01). Assim, partindo da premissa de que Literatura é uma disciplina curricular e que a escolha do material didático (os livros de literatura infantil ou infanto-juvenil) adequado contribui muito para uma prática educativa capaz de desmistificar pré-conceitos que permeiam o imaginário social a respeito da questão étnico racial brasileira e de nossas matrizes africanas, torna-se relevante o estudo da literatura como fonte dessa representação identitária no contexto da diversidade étnico racial brasileira (FRANÇA E LIMA, 2012).

Ainda, segundo Castilho (2004), a partir da década de 80, como resultados de pesquisas, estudos e propostas no campo acadêmico e literário somadas a movimentos em favor da não discriminação, surgem autores com novas propostas de obras literárias para crianças. São livros que procuram romper com um imaginário estereotipado do negro, tão comum na literatura infanto-juvenil, até então. Entre as principais obras com estas características está “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado (1986), que será objeto de estudo neste trabalho. Nela, a autora aborda a questão racial de uma maneira simples e profunda ao mesmo tempo, valorizando a identidade negra, uma vez que o ideal de beleza aqui é invertido, ou seja, ao invés dos cabelos louros, olhos claros e pela branca, o que se exalta é a pele escura, olhos negros e cabelos cacheados. Isso demonstra claramente a intenção da autora de romper com a velha estrutura do conto “A Branca de Neve”. Segundo Eliane Rabello Corrêa Dionisio (2010, p.15):

O texto quebra a regra geral de beleza nos antigos contos infantis conhecidos universalmente, caminhando desta forma para a desconstrução do preconceito, [...] O belo está justamente nas diferenças e não nas igualdades e a obra faz lembrar dessa forma, de que é preciso se preservar a identidade cultural do negro.

Nesse ponto, a obra é de fundamental importância, contribuindo não apenas para a construção da identidade da criança negra, mas também para a sua autoestima, já que a “menina bonita” demonstra estar feliz e segura com sua aparência. Assim, a narrativa permite um novo olhar para a questão racial, sob uma ótica de inclusão e valorização do negro, permitindo ainda que os pequenos leitores, tanto os brancos quanto os negros, valorizem um ao outro e se autovalorizem também, para assim construírem a sua identidade.

Em um primeiro momento houve o delineamento da pesquisa, que culminou na escolha desta obra para análise, que se justifica primeiramente pela profunda identificação com a literatura, e de modo especial com a literatura infanto-juvenil. Porém, o fator determinante para a escolha foi a inquietação gerada ao longo do tempo com relação à discriminação racial. E, sobretudo nos últimos anos, com a perspectiva de exercer o Magistério, esta problemática ganhou nova dimensão, como que exigindo um olhar e um estudo mais responsável acerca deste contexto. Dessa forma, para uma reflexão mais aprofundada do tema, faz-se necessário um estudo bibliográfico, através de uma leitura minuciosa e sistematizada de obras e textos publicados de diversos autores, relacionando a temática à obra Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado. Segundo (TOZONI-REIS, 2010 p. 43):

A produção de conhecimentos resulta do trabalho de investigação científica que toma a pesquisa bibliográfica como modalidade e não se reduz a uma apresentação das ideias de diferentes autores acerca do tema estudado. Do contrário, exige do pesquisador a produção de argumentação sobre o tema, oriundas de interpretação própria, resultado de um estudo aprofundado sobre o assunto. Concordar, discordar, discutir, problematizar os temas à luz das ideias dos autores lidos são os procedimentos dessa modalidade de pesquisa.

Nessa perspectiva, o ensaio contemplará as ideias dos autores referenciados, traçando um paralelo entre as ideias destes e uma análise pessoal e crítica sobre a questão étnico-racial na Literatura Infantil Brasileira, sob a luz do pensamento de Ana Maria Machado, expresso na obra analisada.

# 2 CONTEXTO HISTÓRICO

## 2.1 TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA

A literatura infantil brasileira nasce no final do século XIX. Antes disso, a circulação de livros destinados a este público era precária, consistindo geralmente em edições portuguesas e, posteriormente, em algumas traduções nacionais, que datam dos últimos anos do século XIX. Conforme Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1993, p. 15):

A coincidência do surgimento da literatura infantil brasileira com a abolição da escravatura e o advento da República não parece fortuita. [...] A extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana, a incorporação progressiva de velas de imigrantes à paisagem da cidade, a complexidade crescente da estrutura administrativa são sinais da nova situação. E são eles que começam a configurar a existência de um virtual público consumidor de livros infantis e escolares, dois gêneros que também saem fortalecidos das várias campanhas de alfabetização deflagradas e lideradas, nesta época, por intelectuais, políticos e educadores.

Assim, a produção literária desta época passou a cumprir duas funções essenciais: a de representar a unidade e a identidade nacionais e a de criar e divulgar o discurso e os símbolos da imagem de um novo país, agora comprometido com a modernização. Somente a partir do século XX, mais precisamente na década de 1920, começa-se a produzir, anda que de forma tímida, alguns livros, cujos textos ainda eram tradicionais e contemplavam a valorização da pátria e o abrasileiramento da língua. Esse modelo conservador pode, mesmo que parcialmente, ser justificado pelo modelo cívico-pedagógico no qual se insere, ou mesmo aos moldes europeus nos quais as obras de então se inspiravam. Tal conclusão se dá pelo fato de que eram os clássicos infantis europeus que subsidiavam as adaptações, bem como as traduções que antecederam a literatura infantil brasileira propriamente dita. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1993, p. 17)

O conteúdo das obras destinadas às crianças começou a mudar somente com Monteiro Lobato, que embora também tivesse como eixo a ideia de brasilidade, estabeleceu outro tipo de ralação entre leitor e narrador, onde o autor não tem a intenção de manipular a consciência dos personagens, possibilitando assim que o leitor possa enxergar a realidade a partir de diferentes perspectivas, introduzindo assim outras vozes ao seu discurso. A partir de Monteiro Lobato, começa-se então a superar a ideia de utilitarismo que até então era vigente nas obras literárias infantis. O autor abre caminho para outros como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Cecília Meireles, por exemplo, que dão continuidade à discussão sobre a problemática da literatura infantil e juvenil no Brasil, compartilhando do mesmo pensamento: a literatura infantil deve ultrapassar os limites do utilitarismo, valorizando assim, o caráter estético e artístico das obras.

Contudo, nas décadas seguintes, o modelo de divisão social predominou nas obras infantis, as personagens negras, pobres e caipiras eram colocadas a serviço dos proprietários, além da divisão étnica, pois havia também a oposição de índios e brancos. Ou seja, em certa medida, a literatura ajudou a endossar os preconceitos do grupo dominante. Os estudos de Zilberman e Lajolo apontam para uma estagnação no que se refere à ruptura com as cadeias de dominação e à falta de expressão popular nas obras deste período, segundo as autoras:

Os sinais de mudança na vida cultural se fazem notar a partir da década de 50, que assiste a reivindicações de uma arte engajada na representação dos problemas sociais e recuperação de uma linguagem literária mais acessível ao público das grandes cidades. O envolvimento programático da arte atinge-a de modo crescente na virada da década, mas a literatura infantil demora a compreender a nova mensagem que parece só ter sido plenamente percebida pelos escritores da fase seguinte. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1993, p. 132).

A mudança mais significativa ocorrida com este gênero literário foi a partir dos anos 70, e seu grande ápice se deu na década de 80, quando além de aumentarem as produções dirigidas às crianças e jovens, surgiu também uma corrente destinada à crítica destas obras. A partir daí, o que se enfatizava não era mais o surgimento deste ou daquele autor, mas sim a produção maciça e renovada, destinada ao público mais jovem. Ao contrário do que acontecia na década de 50, quando a literatura infantil brasileira era fortemente marcada pelo ruralismo, nas próximas décadas, o universo urbano se introduz nos livros infantis de forma progressiva e irreversível. Desta forma, o realismo começa a ser introduzido nestas obras, trazendo para as historias personagens e ambientes cujo enredo não mais omite a problemática da sociedade brasileira contemporânea. Desta forma, os livros passam a assumir um tom de protesto e de denúncia, o qual acaba por tornar-se uma tendência para a nova vertente que começa a surgir. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1993).

E assim, segundo Vera Maria Tieztmann Silva (2009, p. 12):

Na década de 1980, a literatura infantil brasileira foi definitivamente reconhecida nos meios acadêmicos como literatura, ao ser alçada à condição de disciplina curricular nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras. Essa inclusão não foi aleatória, mas deveu-se à visibilidade que a produção do setor alcançou, fazendo circular textos ficcionais e poéticos de alta qualidade estética. Obras como *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga, *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, de Marina Colasanti, *Jardins*, de Roseana Murray, ou *Cavaleiros das sete luas*, de Bartolomeu Campos Queirós, são fora de dúvida, peças genuinamente literárias. Essa qualidade estética, que não se reduz em função do público leitor, garantiu o acesso da literatura infantil aos currículos universitários e, como decorrência dessa inclusão, abriu espaços para transformá-la em objeto de pesquisas acadêmicas. Disputando, no meio acadêmico, seu espaço junto às demais literaturas, tornou-se objetos de estudos críticos, de ensaios e de teses, abrindo aos estudiosos de Letras um novo campo de produção acadêmica, o da crítica da literatura infantil.

Este tom de denúncia social pode ser observado também em obras como *Nó na garganta* (1991), de Mirna Pinsky e *A cor da ternura* (1998), de Geni Guimarães. O caráter inovador destas obras está no fato de que as duas trazem meninas negras como protagonistas, assim como a imagem estereotipada do negro, sobretudo no que tange ao lugar por ele ocupado dentro da sociedade. Sobre esse aspecto, Paulo Sergio Pestana atesta que:

Paradoxalmente, a categorização de algumas personagens no que diz respeito à profissão, à nomeação (por exemplo, as mães são quase sempre representadas como domésticas) ou mesmo a relação patrão x empregado fortalecem a estereotipia. (2008, p. 44).

E desta leva de escritores destaca-se Ana Maria Machado, cuja obra, ***Menina bonita do laço de fita*** é objeto de estudo neste trabalho. Ao longo de 40 anos de carreira e mais de 100 livros publicados, a escritora é uma das mais premiadas do país. Além disso, a qualidade, aliada ao caráter inovador de sua obra fizeram com ela fosse a primeira escritora de livros infantis a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, fato ocorrido em 2003.

## 2.2 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NAS OBRAS LITERÁRIAS

Considerando o caráter social da Literatura, uma vez que ela se constrói de acordo com as transformações da sociedade, é preciso atentar também para outros aspectos que a compõem, além dos estéticos, como os valores morais, ideológicos e culturais. Desta forma, não se pode dissociar a Literatura dos elementos sociais que a envolvem, sobretudo porque sua função, entre tantas outras, também é a de propiciar que o homem compreenda melhor sua própria existência, em todos os contextos. A partir desse olhar sobre a Literatura, de compreender a sua função social, torna-se pertinente uma investigação acerca da presença do negro nas obras literárias brasileiras ao longo da história.Até a metade do século XIX, a figura do negro praticamente não existia na literatura brasileira. Porém, de acordo com Castilho (2004, p. 02):

A abolição do tráfico, ocorrida em 1850, forçou os escritores brasileiros a voltarem sua atenção aos escravos, em particular à maneira como eram tratados. Nos textos literários desse período, os escravos eram descritos com desgosto, piedade e de forma desumana.

Assim, a representação do negro acaba se restringindo a distintos estereótipos, de um lado, o negro submisso, dócil, injustiçado, e do outro, o negro lascivo, ignorante, selvagem. Nesse contexto, surge o primeiro romance brasileiro em 1856, abordando a questão do escravo: O Comendador, de Pinheiro Guimarães. Dessa forma, sobre o período romântico (1836-1881), Castilho (2004) atesta que:

[...] o projeto político dos escritores brasileiros estava voltado para a construção da identidade nacional. E o espírito nacionalista, de independência, de liberdade, passou a ser representado pelos literários na imagem do índio. No final da fase indianista, dentro da tendência romântica, aparece o negro, mas para contracenar com o índio. Porém, se o índio por natureza era corajoso e profundamente orgulhoso de sua independência, o negro era de índole escrava, humilde e resignado, como aparece no Romance *Til* (1872), de José de Alencar (p. 02).

A partir do início do movimento abolicionista, além dos escritores já citados, surgem outros escritores com obras que abordavam a realidade dos negros, muitas delas se transformaram em grandes clássicos da nossa literatura, entre eles: A escrava Isaura, de Bernardo Guimarães (1875); O navio negreiro, de Castro Alves (1869); O mulato (1881) e O cortiço (1890), de Aluísio de Azevedo. Contudo, nestas e em tantas outras obras, os negros ainda apareciam em situações sempre inferiores, geralmente como criados, e eram vistos de forma negativa, com a imagem associada à sexualidade e à brutalidade. Enfim, o racismo permanecia forte, a maioria dos escritores continuou reforçando em seus romances esse estereótipo.

Na literatura infanto juvenil brasileira, o processo foi parecido. Inicia-se com Monteiro Lobato, o qual transfere os mesmos preconceitos da literatura adulta para a infantil. Sobre Monteiro Lobato, Castilho (2004) afirma:

Monteiro Lobato é, sem dúvida, um dos maiores escritores brasileiros, mas é necessário renovar os olhares com que se veem as delicadas relações que o escritor estabelece entre a literatura e sua percepção do social e do histórico em relação à presença e ao valor do negro na sociedade brasileira. Tia Nastácia, a principal personagem negra de Monteiro Lobato, é analfabeta e chamada “a negra de estimação”, “negra que é tratada como parte da família”. No entanto, é na cozinha, à beira do fogão - seu espaço natural, que reforça sua inferioridade e sua desqualificação social. (p. 06).

Diante desses pressupostos, pode-se concluir que estas obras não contribuíram em nada para mudar tal situação, ao contrário, fizeram reforçar a condição de exclusão social dos negros. Os leitores eram fatalmente marcados pela identificação com a ideologia e com a cultura branca, o que resultava na desqualificação da cultura e da ideologia negra, levando ao embranquecimento do leitor, ou seja, a ideia de superioridade de uma raça em relação à outra.

# 3 RACISMO, PRECONCEITO E ESTEREÓTIPO: FACES DA MESMA MOEDA

O respeito às diferenças é, ou pelo menos deveria ser o princípio básico para a convivência em sociedade, porém, na prática, isso nem sempre acontece. O fato é que a discriminação e o preconceito racial estão muito presentes na sociedade, e as ações discriminatórias vão sendo reproduzidas pelas pessoas, seja intencional ou inconscientemente. Para a pesquisadora Maria Aparecida Silva Bento:

O preconceito racial contraria uma regra básica nas relações entre quaisquer seres humanos: a da afeição. Isso significa que, ao se relacionarem, as pessoas devem se tratar com consideração e respeito, aceitando as diferenças, já que todos são humanos. (1999, p. 36)

Embora não tenha nenhuma comprovação científica de que haja diferenças substanciais entre os seres humanos, pois apesar de inúmeras tentativas, a ciência jamais conseguiu provar que é possível classificar a espécie humana em diferentes raças com base em traços físicos externos, (BENTO, 1999) a humanidade ainda insiste em ver o outro de acordo com características que só podem ser percebidas externamente.

Desse modo, o racismo pode ser interpretado como uma ideologia, que supõe a existência de uma hierarquia entre os grupos humanos, partindo da falsa ideia de que certas raças são inferiores às outras, simplesmente por apresentarem a cor da pele ou traços que diferem daqueles povos que se julgam pertencentes a uma “raça superior”. Considera-se que tal conceito surgiu no seio da sociedade ocidental, no século XVIII, num momento em que esta procurava supostas bases científicas para tentar explicar as diferenças existentes entre os seres humanos, com o intuito de justificar a dominação do povo branco europeu sobre povos provenientes de outros continentes, durante a expansão colonial. Entretanto, foi durante o século XIX que o racismo realmente estabeleceu-se como uma doutrina. A esse respeito, Maria Aparecida da Silva (2001, p. 76) atesta que:

A expansão teórica do racismo deu-se em meados do século XIX, a partir das interpretações equivocadas e abusivas das teorias evolucionistas de Charles Darwin. Foi feita uma hierarquização das diferenças de ordem física que se constatam entre os seres humanos, transformando-as em desigualdades, em marcas de superioridade para uns/mas (fenótipo branco/europeu) e de inferioridade para outros/as (negro/africano).

Dentro desta perspectiva, a propagação do racismo resulta no preconceito, que como a própria palavra designa, baseia-se em um pré-conceito ou uma ideia que se tem de uma pessoa, de um grupo de indivíduos ou de um povo que não se conhece. Ou seja, trata-se de um sentimento ou de uma opinião impensados, sem qualquer fundamento racional. E o mais agravante é que o preconceito tem o poder de se enraizar dentro das culturas e através dos tempos, sendo difícil de erradicar, uma vez que as pessoas tendem a se deixar levar por ideias pré-concebidas. Tais ideias acabam por cristalizar determinados conceitos, geralmente negativos, e a esta cristalização dá-se o nome de estereótipos, que consistem em crenças, fundadas a partir de características, atribuições ou comportamentos de membros de determinados grupos. São formas rígidas de pensamento, que acabam simplificando e generalizando todos os elementos. Assim, sempre que se refere a um membro pertencente a este ou àquele grupo, surge a ideia ou o pensamento já disseminado. Desta maneira:

[...] deixamos de avaliar corretamente o membro de um grupo estereotipado. Ou seja, u ma vez disseminado que o grupo dos “y” é formado por sovinas, sempre que encontrarmos um membro desse grupo, nossa tendência será acreditar que estamos diante de um sovina. Não importa se a pessoa não o seja. (BENTO, 1999, P. 38)

Pode-se afirmar, com isso, que há uma estreita relação entre preconceito e estereótipo, uma vez que na base daquele está a informação veiculada por este. São exemplos de estereótipos: “os negros são preguiçosos”, “os brasileiros gostam de carnaval”, “as mulheres dirigem mal”, entre muitos outros. E assim esses conceitos vão se espalhando e se fixando nas sociedades e através dos tempos, afetando as relações sociais e gerando atitudes discriminatórias, que baseadas em critérios inconsistentes e injustos, como sexo, idade, raça, religião, entre outros, violam os direitos básicos da pessoa humana.

# 4 DESCONTRUIR PARA CONSTRUIR: ESTEREÓTIPO E IDENTIDADE NA OBRA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

Conforme mencionado acima, foi a partir da década de 80, com o intuito de tentar mudar a imagem negativa e caricaturizada com que os negros apareciam nas obras literárias, que alguns autores surgem com novas propostas de histórias para as crianças. Entre estas obras, destaca-se ***Menina bonita do laço de fita****,* de Ana Maria Machado, que traz uma abordagem totalmente nova da figura do negro na literatura. Trata-se de uma narrativa curta e com um enredo simples, onde há uma íntima relação entre discurso e imagem, possibilitando uma articulação entre esses dois elementos, o que é fundamental para o entendimento da história. Nesse ponto, a obra cumpre muito bem o seu papel, visto que as imagens se encaixam perfeitamente com a temática. Sobre o equilíbrio desta articulação, Maria Alice Faria (2013, p. 39), postula que “Nos bons livros infantis ilustrados, o texto e a imagem se articulam de tal modo que ambos concorrem para a boa compreensão da narrativa.”

Na história, a autora mostra a protagonista, a “menina bonita”, sob uma ótica positiva, tanto com relação à noção do belo, já que o coelho branquinho admira e até inveja a sua cor “escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva” e sua beleza: “Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?” (MACHADO, 2005, p. 02, 08), como também no que diz respeito à sua condição social confortável, já que as ilustrações mostram a menina muito bem vestida e arrumada, com roupas de balé, lendo, desenhando, etc. Tais elementos permitem uma visão clara do novo na obra, assim como a quebra de preconceitos e regras vigentes na sociedade, pois ao invés da regra, a autora traz a exceção para o centro da discussão. O carinho e os cuidados dispensados a ela também ficam evidentes, pois aparece no colo da mãe, que também aparece bem vestida, com cabelo e maquiagem impecáveis. Ou seja, a “menina bonita” tinha tudo o que até então era “privilégio” apenas dos brancos, sendo que os negros ficavam sempre à margem dessa realidade. Percebe-se com isso a quebra de paradigma proposta pela autora, pois historicamente na literatura infantil há uma separação entre brancos e negros.

Ana Maria Machado, porém, segue na contramão dessa realidade, pois ao invés de separar, ela junta as duas raças, sugerindo o casamento entre o “branco e o negro”, mostrando a própria diferença como forma de aproximação. Essa premissa é evidenciada por Gomes (2001, p. 87):

o fato de sermos diferentes uns dos outros é o que mais nos aproxima e o que nos torna mais iguais. [...] A construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à diferença, e isso inclui as diferenças raciais.

A desconstrução do preconceito pode ser constatada quando a autora coloca como personagem central a menina negra e linda no lugar da menina branca como a neve, descentralizando assim, a tradicional posição do branco nas histórias, trazendo à tona a questão da herança racial e cultural. Esse propósito de desconstrução acontece já a partir do pensamento inicial da autora quando resolve iniciar a narrativa. Em seu site oficial, a própria Ana Maria Machado conta como teve a ideia de escrever o livro:

“Este livro, para mim, é uma história que surgiu a partir de uma brincadeira que eu fazia com minha filha recém-nascida de meu segundo casamento. Seu pai, de ascendência italiana, tem a pele muito mais clara do que a minha e a de meu primeiro marido. Portanto, meus dois filhos mais velhos, Rodrigo e Pedro, são mais morenos que Luísa. Quando ela nasceu, ganhou um coelhinho branco de pelúcia. Até uns dez meses de idade, Luísa quase não tinha cabelo e eu costumava por um lacinho de fita na cabeça dela quando íamos passear, para ficar com cara de menina. Como era muito clarinha, eu brincava com ela, provocando risadas com o coelhinho que lhe fazia cócegas de leve na barriga, e perguntava (eu fazia uma voz engraçada): “Menina bonita do laço de fita, qual o segredo para ser tão branquinha?” E com outra voz, enquanto ela estava rindo, eu e seus irmãos íamos respondendo o que ia dando na telha: é por que caí no leite, porque comi arroz demais, porque me pintei com giz etc. No fim, outra voz, mais grossa dizia algo do tipo: “Não, nada disso, foi uma avó italiana que deu carne e osso para ela...” Os irmãos riam muito, ela ria, era divertido. Um dia, ouvindo isso, o pai dela (que é músico) disse que tínhamos quase pronta uma canção com essa brincadeira, ou uma história, e que eu devia escrever. Gostei da idéia, mas achei que o tema de uma menina linda e loura, ou da Branca de Neve, já estava gasto demais. E nem tem nada a ver com a realidade do Brasil. Então a transformei numa pretinha, e fiz as mudanças necessárias: a tinta preta, as jabuticabas, o café, o feijão preto etc.” (MACHADO, 2014).

Diante disso, fica evidente a preocupação da autora em desconstruir os estereótipos estabelecidos com relação à imagem do negro na literatura, assim como com a construção da identidade das crianças, sejam as negras ou as brancas. Isso se percebe pela abordagem da questão de herança familiar, que permite aos leitores se enxergarem ao mesmo tempo em que enxergam o outro, como no trecho que descreve o diálogo entre a mãe da menina e o coelho:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha? A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho – que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar. (MACHADO, 2005, p. 15,16)

O desfecho da obra é emblemático e parece coroar os temas já tratados. Nele a autora traz à cena a questão da miscigenação ente os povos, a partir da união entre um coelho branco e uma coelha preta, que resultou no nascimento de coelhos das mais diversas cores: brancos, amarelos, malhados, cinzas e pretos: “Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes [...] Tinha coelho pra todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.” (MACHADO, 2005, p. 20, 21). Assim, a obra transmite a mensagem de fraternidade entre os povos e de que é possível conviver com harmonia, respeitando as diferenças e valorizando a pluralidade étnica e cultural que compõem e enriquecem o nosso país.

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da concepção de que é na primeira infância que se começa desenvolver conceitos como a visão de mundo, a visão do “outro” e a relação entre eles, foi possível compreender a importância da literatura infanto-juvenil no sentido de construir a identidade e a consciência cidadã da criança. Ao pesquisar sobre a trajetória da literatura infanto-juvenil até aqui, pôde-se perceber o quanto de progresso já houve, sobretudo no sentido romper com velhos padrões literários e propor ao leitor, além do entretenimento com a leitura, também a reflexão e o desenvolvimento de sua criticidade. Segundo a escritora Fulvia Rosemberg (1984, p. 59):

O livro infanto-juvenil ensina e ensina muito. A sua postura aberta e declaradamente didática se faz sentir na temática escolhida, na estrutura narrativa, na própria transmissão de princípios morais e de outras informações, ou ainda na eleição de personagens modulares.

Quando se trata da abordagem étnico-racial nas obras da literatura infanto-juvenil, o progresso segue a passos mais lentos, porém, com avanços significativos. Prova disso é o surgimento, a partir da década de 80, de escritores com um projeto inovador quanto à temática dessas obras, dentre eles destaca-se o texto de Ana Maria Machado, que foi objeto de análise desse estudo.

É evidente que ainda há um caminho muito longo a ser percorrido com relação ao respeito à diversidade e à desconstrução do preconceito e dos estereótipos para com os negros deste país, já que tais conceitos foram sendo construídos historicamente. Mas também é verdade que nas últimas décadas as discussões acerca destes temas vêm avançando consideravelmente, seja nos meios de comunicação, nas escolas, na literatura e na sociedade em geral. A escritura de Ana Maria Machado é um exemplo desses avanços. Ora, se para realizar qualquer mudança é preciso dar sempre o primeiro passo, por que não fazê-lo através dos livros? A história da menina bonita do laço de fita, com sua singeleza e poesia faz um convite para essa mudança.

A ruptura com os padrões pré-estabelecidos, a crítica às praticas discriminatórias e excludentes, bem como a valorização da pluralidade étnica e cultural dos diferentes povos são os preceitos fundamentais desta obra. Todos eles indicam que o caminho rumo ao respeito e à tolerância já começou a ser trilhado, e que com a participação das instituições educacionais e da família é possível ampliar os horizontes, educando pela diferença e para a igualdade.

# REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em preto e branco: discutindo as relações raciais**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. 80 p.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de professor.** Ponta Grossa, p.103-113, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. 213 p.

DIONISIO. Eliane Rabello Corrêa. **Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado**. 2010, 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a Literatura infantil na sala de aula**. 5. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013. 156 p.

FRANÇA, Jiselda Meirielly; LIMA, Maria Batista. Literatura infantil e identidade etnicorracial no cotidiano escolar. In: **ANAIS ELETRÔNICOS III ENILL - Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura,** 29 a 31 de agosto de 2012, Itabaiana/SE: Vol.03, ISSN: 2237-9908.

FRANÇA, Luiz Fernando de. “Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado, e em O menino marrom, de Ziraldo”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31**. Brasília, p.111-127. janeiro-junho de 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. 213 p.

HISTÓRIAS meio ao contrário. **Menina bonita do laço de fita**. Disponível em: http://www.anamariamachado.com. Acesso em: 10 out. 2014.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005. 12 p.

PESTANA, Paulo Sérgio. **Exu literário: presença do afro-descendente nos romances infanto-juvenis Nó na garganta de Mirna Pinsky e A cor da ternura de Geni Guimarães.** 2008, 119 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Centro Universitário Santos Andrade – UNIANDRADE, Curitiba, 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. 1. ed. São Paulo: Global, 1984. 135 p.

SILVA, Inayá Bittencourt e. **O racismo silencioso na escola pública**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin: Uniara, 2009. 337 p.

SILVA, Maria Aparecida (Cidinha) da. Formação de Educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. 213 p.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2009. 274 p.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças: Para conhecer a literatura infantil e brasileira: histórias, autores e textos**. 4. ed. São Paulo: Global, 1993. 364 p.

**CONSTRUYENDO IDENTIDADES: UN ESTUDIO SOBRE EL ENFOQUE ÉTNICO-RACIAL EM LA OBRA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA**

Resumen: Este trabajo consiste en un estudio de la obra, *Menina bonita do laço de fita,* de Ana Maria Machado. El objetivo es explicar cómo la identidad étnica y racial, así como la deconstrucción de los estereotipos negativos con respecto a los negros aparecen en la narración. Bajo el precepto de que la literatura es un arte social y un espacio fructífero para el cuestionamiento porque demarca el espacio de cada uno dentro de la sociedad, este análisis plantea la discusión sobre por qué cada persona es de un determinado color, a partir de la idea del mestizaje y de la herencia racial. En esta perspectiva, el objetivo fue demostrar cómo la lectura de este tipo de obra puede afectar positivamente a la construcción de la identidad de los niños, y en el caso del negro, la aceptación de su herencia africana de una manera natural. Para esto, se realizó una búsqueda bibliográfica de artículos y libros de diversos autores sobre la trayectoria histórica de los negros en la literatura brasileña y cómo se han representado históricamente en este segmento.

**Palabras-clave**: La identidad racial. Los estereotipos. Literatura infantil y juvenil.

1. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Colombo, PR

   E-mail: emilenesr9@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)